



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia comemorativa dos 50 anos do Sindicato Nacional da Indústria
da Construção Pesada (Sinicon)**

Auditório da CNI – Brasília-DF, 29 de julho de 2009

Companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,
Ministros Alfredo Nascimento, dos Transportes; Miguel Jorge, do
Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior; e Marcio Fortes, das Cidades,
Deputados João Bacelar, Geraldo Magela, Odair Cunha e Paes Landim,
Deputado Armando Monteiro Neto, presidente da Confederação
Nacional da Indústria,

Meu caro Luiz Fernando Reis, presidente do Sindicato Nacional da
Indústria da Construção Pesada,

Senhores e senhoras,

Amigos e amigas,

Ao comemarmos os 50 anos de fundação do Sindicato Nacional da
Indústria da Construção Pesada, rendemos uma justa homenagem a todos
aqueles que conduziram e conduzem as grandes obras de infraestrutura em
nosso país. O real significado desta celebração nos remete, contudo, ao papel
que este setor, tão fundamental para o Brasil, exerce na luta pelo nosso pleno
desenvolvimento.

Digo isso porque o Brasil de hoje e o Brasil de 1959, quando o Sinicon
foi criado, em plena era JK, guardam uma importante similaridade em relação
ao ideário do desenvolvimento, representado pelo pensamento sempre
atualizado de Celso Furtado.

Furtado, antes de nós, olhou para este país e disse: “Não, não pense
que era assim. O subdesenvolvimento não é uma fatalidade e a miséria não é



nossa vocação”. Ele dizia que o desenvolvimento é, sobretudo, decisão política, porque significa que o País deve assumir o comando do seu próprio destino e fazer desse destino um projeto que beneficie toda a nação.

É preciso dizer, ainda, que por cerca de três décadas o imaginário do Planeta ficou refém de idéias e agendas opostas a essas, realimentadas todos os dias por porta-vozes muito conservadores. Foi preciso, assim, travar uma árdua batalha para recuperar referências teóricas e políticas, instrumentos de ação e estrutura do Estado brasileiro, que foram sendo enfraquecidos, terceirizados e, muitas vezes, privatizados, ao longo do tempo.

Hoje, felizmente, podemos dizer que reencontramos e renovamos a trilha do desenvolvimento, que tinha sido interrompida no passado. E, com isso, estamos conseguindo, a passos rápidos, promover as mudanças sociais e econômicas fundamentais para reduzir a pobreza e a desigualdade em nosso país.

O desenvolvimento ganha concretude física no que os senhores e as senhoras sabem fazer de melhor: a implantação da infraestrutura necessária para dar sustentabilidade ao nosso crescimento, à nossa soberania e à redução dos gargalos que tanto travaram nossa produção.

Ferrovias, usinas hidrelétricas, estradas, portos, aeroportos e outras grandes obras estruturantes são peças fundamentais para o Brasil de hoje e para o Brasil do futuro. Precisamos continuar construindo-as com eficácia e rapidez para recuperarmos o tempo que perdemos nas últimas décadas. Nesse sentido, posso afirmar com convicção: feliz é o país que conta com uma indústria da construção pesada como a nossa, reconhecida internacionalmente pela sua solidez e a sua competência técnica.

Estou falando de empresas de capital nacional que empregam nada menos do que 5 milhões de trabalhadores brasileiros e faturaram no ano passado cerca de R\$ 102 bilhões; de uma indústria de excelência que já se mostrou capaz de realizar grandes feitos como Itaipu, que hoje continua a nos



trazer soluções criativas e arrojadas, como é o caso das hidrelétricas do Madeira, para citar apenas um exemplo. A verdade é que faz tempo que não precisamos correr atrás de construtoras estrangeiras para realizar nossas grandes obras. Pelo contrário, são as empresas brasileiras que estão ganhando o mundo e hoje se fazem presentes não apenas na América Latina, mas também na América do Norte, África, Europa e Ásia.

Mas essa nova caminhada é, sobretudo, visível nos significativos avanços sociais do nosso país. Onze milhões de lares, mais de 45 milhões de pessoas que sofriam com a fome e a insegurança alimentar, recebem os benefícios do Bolsa Família e dão passos seguros em busca de uma vida cada vez mais digna. Dois milhões de pessoas... Os dois milhões de residências que receberam o Luz Para Todos significaram 83% de televisores comprados pelos beneficiários do Programa, 69% de geladeiras e 47% de aparelhos de som, ou seja, 1 milhão e 578 mil televisores foram comprados pelas famílias que receberam o Luz para Todos, 1 milhão e 490 geladeiras e 897 aparelhos de som. Isso apenas para mostrar o que significa a revolução de um benefício que tirou 10 milhões de pessoas do século XVIII, transportando para o século XX.

Esses avanços podem ser vistos também nos mais de 20 milhões de brasileiros e brasileiras que deixaram a base da pirâmide social e passaram a participar de um vigoroso mercado interno. E isso, sem dúvida, é um dos fatores que nos colocam entre os poucos países do mundo com capacidade de vencer rapidamente essa crise econômica e financeira gerada nos países ricos.

Minhas amigas e meus amigos,

O Programa de Aceleração do Crescimento, como bem foi dito aqui, é o grande responsável pelo aumento de mais de 55% no faturamento da indústria brasileira de construção pesada entre os anos de 2007 e 2008. Com o PAC, o Brasil retomou o planejamento estratégico de longo prazo. Passamos a conhecer com detalhes nossas principais deficiências em infraestrutura energética, logística, social e urbana, e pudemos organizar, hierarquizar e dar a



devida prioridade a um conjunto de ações que já transformou nosso país em um imenso canteiro de obras. E é importante – e eu quero deixar bem claro – contudo, que os méritos do PAC não podem ser atribuídos apenas ao governo, mas sim à união de esforços de amplos setores de nossa sociedade em torno do objetivo comum do desenvolvimento sustentável.

Digo isso porque o Brasil, como se fosse um paciente que volta a andar após muito tempo preso a uma cama, precisou reaprender a trilhar, com soberania e altivez, o seu próprio caminho. Não foram poucos os obstáculos. Por um lado, contávamos com entraves burocráticos, marcos regulatórios inadequados e a inexistência de uma carteira de projetos estratégicos. Por outro, os investidores evitavam canalizar recursos para o setor produtivo. Nesse sentido, foi fundamental podermos contar com o dinamismo de nossa indústria de construção pesada representada pelo Sinicon. Este sindicato tem reafirmado, a cada dia, o seu compromisso com o investimento produtivo e a sua confiança no País, colaborando ativamente na concepção e elaboração de um ambiente de negócios mais propício. O setor da construção pesada se configurou, assim, como um grande parceiro de toda a sociedade brasileira neste momento tão fundamental de nossa história. Eu quero, portanto, agradecer todo o empenho que os senhores e as senhoras vêm dedicando, neste meio século, à construção de um país cada vez mais forte, dinâmico e soberano, e desejar que este compromisso se renove pelos próximos 50 anos.

Meus amigos e minhas amigas,

Para não perder o hábito, eu quero dizer umas coisas que não estão escritas ali, que são o seguinte: eu penso que todo mundo sabe que durante praticamente duas décadas e meia, o Brasil deixou de aplicar em infraestrutura. Eram poucas as obras, porque também nós tínhamos deixado de lado o planejamento estratégico. E nós, quando chegamos no governo, não encontramos um projeto de envergadura, daqueles que nós chamamos projeto



estruturante, na prateleira. Nós tivemos que, praticamente, começar a fazer uma coisa que vale ouro para um país que pensa a longo prazo.

Quando terminar, agora, este ano, eu quero comunicar aos senhores que nós vamos preparar um PAC para 2011-2015. Por que eu iria preparar um PAC se o meu mandato termina em 2010? É porque eu quero que, quem vier depois, encontre uma definição de prioridades não apenas no papel, contratando consultorias para colocar no papel todas as necessidades do País. Mas eu quero que fique no papel, que fique com um projeto básico elaborado, que fique com a questão ambiental já em estado avançado, para que quem tomar posse no dia 1º de janeiro de 2011 já possa colocar em andamento e contratação e licitação projetos que são muitos, que ainda faltam para que a gente possa responder às necessidades de infraestrutura do Brasil. São hidrovias, que precisam muitas, são mais estaleiros, são mais portos, são mais aeroportos. O que nós precisamos, na verdade, é planejar o Brasil para que, de forma, eu diria, quase que subsequente, cada pessoa que vier a governar este país encontre uma prateleira de projetos prontos para que... ele pode até não querer fazer, mas ele terá uma prateleira de projetos prontos para que ele possa começar a trabalhar, e não ficar dois ou três anos para começar a fazer a grande obra estruturante deste país.

E vocês sabem que não era apenas a falta de projetos, não era apenas a falta de projetos. A verdade é que muitos de vocês já estavam desanimados com a perspectiva deste país voltar a investir em infraestrutura. Muitos de vocês estavam desanimados. E foi exatamente parte desse desânimo com o investimento interno que fez muitos de vocês se tornarem doutores no mercado externo. E hoje não tem lugar do mundo que eu ande, sobretudo no continente africano e no continente latino-americano, que eu não encontre pelo menos meia dúzia de grandes empresas brasileiras com escritório montado, com prestação de serviço e com obras sendo concluídas, tanto em país pobre como em país rico.



Esses dias eu fui conversar com o rei Juan Carlos e eu dizia para ele: por que a Espanha não abre espaço para as nossas empresas virem competir na construção de infraestrutura na Espanha? Também, muitas vezes, lá de fora, eles cobram de nós uma abertura que eles não praticam, e que nós precisamos apenas ser tratados como iguais, ter as mesmas oportunidades. E agora que o Brasil está descobrindo o continente africano, e agora que o Brasil sabe que ele pode influir, de forma decisiva, na estruturação dos países africanos, e agora que o BNDES tem mais recursos para poder fazer financiamento para nossas empresas exportarem serviço lá fora, nós não temos o direito de recuar, de parar e de ficar outra vez como se fosse um país sem saber para onde nós íamos.

Hoje eu conversei com o presidente de um país, e ele precisa não apenas construir parceria com a Petrobras, que ele quer que a Petrobras seja a empresa sócia da empresa dele. Ele tem 30 milhões de megawatts para serem construídos e precisa construir todas essas hidrelétricas em um prazo de 15, 20 ou 30 anos. Mas o fato concreto é que nós temos que começar. Ele precisa de investimento na área da agricultura para poder ser soberano em segurança alimentar. E quem é que pode dar isto, senão o Brasil? Mas acontece que, muitas vezes, o Brasil não se deu conta que cresceu. O Brasil quer participar do G-8, o Brasil quer participar do G-4, o Brasil quer participar do G-20. O Brasil, do ponto de vista político, está participando de todos os fóruns importantes. Mas quando se trata de fazer financiamento para um país vizinho, ainda tem gente no Brasil que pensa com a cabeça pequena, de que nós não podemos fazer financiamento. Quando, na verdade... E vocês estão lembrados que, durante a última campanha, alguém me acusou de fazer um metrô em Caracas. Era “está fazendo um metrô lá, quando deveria estar fazendo um metrô no Brasil”, sem deixar de se amesquinhar e dizer que o metrô lá era exportação de serviços e tecnologia do Brasil para um país vizinho.

Pois bem, eu acho que esse obstáculo nós já vencemos. As coisas



estão acontecendo, nós já temos praticamente US\$ 5 bilhões de financiamento em obras nossas na América do Sul, mas eu acho que nós poderemos muito mais. Este país é muito grande, e ele pode construir parceria para fazer muito mais lá fora, e fazer com as nossas empresas, fazer com a nossa engenharia, com a nossa tecnologia, porque se nós não estivermos ávidos a financiar, outro vai financiar e outro vai pegar o mercado que poderia ser o mercado de brasileiros.

Mas se não bastasse, muitas vezes, essa visão um pouco inibida de que o Brasil ainda é receptor e não um país doador... Eu vou dar só um exemplo para vocês: a Índia tem US\$ 5 bilhões para a política de ajuda aos países africanos, a Espanha tem 4 bilhões de euros, o nosso (incompreensível) apenas R\$ 17 milhões. Ou seja, se a gente não toma cuidado, daqui a pouco espaços que, até por uma questão histórica e cultural, poderiam ser ocupados por brasileiros, serão ocupados por outros, que têm uma visão estratégica mais avançada do que a nossa.

Então, o Brasil precisa pensar grande. O Brasil precisa pensar que já há muito tempo ele está entre as dez maiores economias do mundo e que, portanto, ele não pode ficar fazendo aquele jogo pequeno, de paisinho pobre, às vezes sendo vítima de acusações: “Por que vai investir 10 milhões em tal país, se tem gente passando fome aqui? Por que vai fazer tal coisa, se poderia fazer 10 casas populares?” Aquele jogo de quem quer rebaixar por baixo, quer nivelar por baixo a nossa situação. E eu sou pobre, mas sou orgulhoso. Eu acho que este país tem que pensar grande se a gente quiser exercer um papel grande no mundo, nesse momento, em que eu acho que, depois dessa crise, o Brasil sairá muito mais fortalecido.

Mas nós temos que enfrentar outros problemas. Isso eu tenho dito publicamente e não poderia deixar de dizer aqui. Muitas vezes a quantidade de mecanismos para criar obstáculo é maior do que a quantidade de instituições para fazer alguma coisa. Nós não podemos, nem o governo, nem a ministra



Dilma, que é coordenadora do PAC, nem um empresário individualmente, a gente fazer a culpabilidade fácil de dizer “é o ministro do Meio Ambiente, é o Ibama, é o Instituto Chico Mendes, é o Tribunal de Contas da União, é o Ministério Público”, porque o que nós precisamos pensar é o que fazer.

Vocês sabem que, neste país, se um servidor público tiver que liberar uma coisa e ela for considerada ilegal ou se ela tiver algum problema, a primeira coisa que faz é disponibilizar os bens desse funcionário, e aí todo mundo fica na retranca, ninguém quer fazer. A lei de licitação... Eu não conheço um brasileiro que não queira mudar a lei de licitação. Nós estamos com a tentativa, uma proposta feita pelo Ministério do Planejamento, vamos ver se a gente consegue votar. Porque no Brasil é assim: as pessoas reclamam demais, mas na hora do “pega para ver”, as coisas não acontecem. Eu já mandei duas reformas tributárias para o Congresso Nacional, duas, e nenhuma foi votada ainda. Não posso mandar a terceira porque não tenho mais tempo. E por que isso não é votado? É porque cada um de nós tem a nossa política tributária. Cada sindicato de trabalhador tem a sua, cada empresário tem a sua, cada deputado tem a sua, cada senador tem a sua, cada ministro tem a sua. Na hora em que nós fazemos uma reunião coletiva, todo mundo concorda, mas quando ela entra no Congresso Nacional, aí a gente percebe que ela não funciona.

Uma outra coisa grave que nós fizemos no Brasil é que, durante 25 anos em que a gente não teve investimento em infraestrutura, não teve planejamento, o Brasil foi criando uma poderosa máquina de fiscalização, uma poderosa máquina, por deputados que foram eleitos com a ajuda de vocês – eu fui constituinte e tenho responsabilidade com isso – e com quantas relações que vocês têm com os senadores... Mas nós fomos montando uma máquina de fiscalização muito poderosa, ou seja, a máquina de fiscalização é infinitamente mais poderosa do que a máquina de execução. A máquina de execução... Você pega um engenheiro de 30 anos, ganhando R\$ 7 mil ou R\$ 8 mil, e você



pega um auditor, com 24 anos, ganhando R\$ 19 mil por mês. Ou seja, esse disparate... Não é que o engenheiro não deva ganhar mais e também não é que o auditor deva ganhar menos, é que alguma coisa está errada, alguma coisa está errada. É como se nós jogássemos uns contra os outros. E quando a gente pensa que resolve tudo na máquina burocrática do governo, o que acontece na máquina da indústria brasileira? A indústria que perde, entra com um processo e para uma obra durante dois ou três anos. E ninguém se dá conta do prejuízo que a nação tem com esse monte de coisas que nós criamos.

Eu penso, e queria fazer essa sugestão aqui ao Sinicon, eu penso que está na hora, mesmo que não seja para agora, que a gente comece a criar um grupo de trabalho para pensar o que nós poderemos fazer para destravar este país na área da construção pesada. Esses dias eu dizia para o meu ministro Minc: é engraçado, nós vamos tirar uma palafita e as exigências ambientais são tão enormes quando, na verdade, deveria agradecer por nós estarmos tirando a palafita, que não tem nada mais poluente do que aquela miséria naquele bairro. Mas ele não tem culpa, porque a legislação que nós fizemos que obriga que seja assim.

Então, eu penso... esse é um compromisso, companheira Dilma, companheiros ministros e companheiros empresários, que eu quero ter. Eu acho que, junto com a proposta de PAC, que eu pretendo apresentar em fevereiro do próximo ano, nós temos que apresentar algumas medidas, alguns marcos regulatórios para que a gente possa facilitar. Ninguém quer bandalheira, ninguém quer que haja sobrepreço, ninguém quer nada, mas é preciso que tenha, sabe, mais transparência e mais rapidez. Porque muitas vezes, entre a gente anunciar a obra e ela começar a acontecer, leva três anos. Eu dizia para um governador importante neste país, esses dias. Ele veio dizer: “Mas, Presidente Lula, por que a gente não assume o compromisso de acabar com a reeleição?”. Eu dizia para ele: por uma razão. Eu já fui contra a reeleição, agora sou favorável, porque não conheço um governante que em



quatro anos faça uma obra estruturante neste país. Duvido. Se ele tiver que fazer o projeto básico, fazer projeto executivo, ter licença prévia, licença de instalação, licença para começar, depois enfrentar a burocracia do Tribunal de Contas da União, depois enfrentar a burocracia do Ministério Público, depois enfrentar as pendengas no Judiciário, que são criadas entre os próprios empresários, termina o mandato e ele não começa a obra.

E por que nós ficamos sabendo disso? Vocês sabem há quanto tempo eu priorizei, na minha vida, a Transnordestina? Nós ficamos só dois anos para fazer um projeto de engenharia financeira. Fizemos. Depois que nós fizemos o projeto de engenharia financeira, acordamos com os nossos queridos governadores dos estados do Nordeste. E até hoje, só na semana passada... Nós começamos querendo acabar ela em dezembro de 2010. Somente na semana passada, depois de mais de 200 reuniões, é que nós conseguimos concluir um trecho até 2010 e o restante até 2011. Porque eu nunca imaginei que nós tivéssemos a quantidade de entraves, nunca imaginei que fosse difícil. E, às vezes, o entrave é de um prefeito, é em uma prefeitura. Acontece um problema que tem que tirar a tubulação que passa, e aí precisa pegar... E aí tem o Ministério Público, é desapropriação, que aí entra o Ministério Público... Ou seja, você demora meses e meses e meses e meses, às vezes anos. E sabe o que é duro? É que a gente só aprende isso quando chega na Presidência. E por isso que eu acho que tem que ter um segundo mandato, porque você aprende no primeiro, chora e sofre, para você poder executar no segundo. Não estou nem reivindicando o terceiro, porque eu sou contra, nem, porque eu sou contra. Mas é porque eu acho, companheiros, que não é um problema do governo, não é um problema do governo.

Teve um tempo em que a gente ficava jogando... Vocês sabem a fama de vocês há uns 15, 20 anos. Empreiteiro e usineiro de cana eram duas coisas que político gostava de procurar na hora de pegar financiamento de campanha e eram duas coisas que os políticos gostavam de ter bem longe deles durante



a administração. Nós quebramos esse tabu. Os usineiros brasileiros viraram empresários e sabem que tem que ser assim porque têm que competir mundialmente. As empreiteiras brasileiras viraram grandes empresas, empresas que produzem obras em qualquer lugar deste mundo.

Então, nós criamos também um jeito de ser mais respeitável entre nós e entre nós e a sociedade. O que nós precisamos fazer agora? É construir, é construir. Quais são os passos que nós queremos dar? Ninguém aqui quer desmatar, ninguém quer... nós queremos fazer as coisas certas, mas é preciso fazer com tempo hábil, porque a única coisa que tem tempo neste país é o mandato do governante e se não agir direito, é antecipado. Mas eu sei, gente, a quantidade de aeroporto que eu fui anunciar obra e que está totalmente paralisada, totalmente paralisada, e quantas outras coisas que acontecem.

Eu não estou aqui querendo criticar sequer quem está paralisando, porque certamente estará cumprindo uma lei que nós mesmos fizemos, mas eu acho que é hora (incompreensível), de a gente sentar, preparar, Dilma, um grupo de trabalho – sem tempo, sem dia, não tem que apresentar em um mês – e começar a preparar. Qual é a Lei de Licitação que seria importante para este país? Qual é o marco regulatório ambiental que nós precisamos neste país para preservar tudo direitinho, mas com um pouco mais de agilidade? O que nós precisamos para evitar tanta pendenga no Poder Judiciário? No dia em que a gente descobrir isso e for capaz de fazer isso, nós estaremos fazendo a maior obra estruturante deste país.

Eu estou dizendo isso para vocês agora porque já disse em outros debates, mas falta um ano e quatro meses para eu terminar o meu mandato. Olha, e eu cobro, quem me conhece sabe que eu cobro. Todos esses ministros têm que me prestar contas a cada 30 dias das coisas que estão acontecendo: porque não anda, porque anda. E, às vezes, a gente faz uma reunião praticando o “toyotismo”, junta todo mundo na mesa. Nós assumimos compromissos para 30 dias, para 20 dias, para 40 dias. Depois desse tempo a



gente percebe que nada evoluiu, porque não é um problema pessoal de cada ministro, é de estrutura legal que nós criamos.

Então, eu queria dizer para vocês o seguinte: está na hora de a gente dar o próximo passo. Os projetos nós vamos fazer, mas a forma de fazê-los, mais fácil, eu acho que nós precisamos conversar com o Congresso Nacional, conversar com os especialistas, conversar com os empresários, conversar com os ministros e construir uma obra de arte capaz de dar ao Brasil a seriedade que nós precisamos para fazer as coisas, mais a rapidez que o Brasil precisa, porque o Brasil não pode perder o século XXI como nós perdemos o século XIX e o século XX.

Portanto, eu acho que esse é um momento extraordinário, extraordinário. Vocês estão percebendo que o Brasil... eu não quero ser ufanista não, mas a crise já está ficando uma coisa do passado, porque este país estava arrumado quando veio a crise, e o governo fez o que tinha que fazer: em vez de diminuir o investimento, aumentamos o investimento; em vez de aumentar impostos, desoneramos os setores mais importantes, a começar pela construção civil, material de construção, e lançamos o programa Minha Casa, Minha Vida.

Como vocês viveram neste país, desde a década de 50, em que eram chamados de empreiteiros mesmo – e o presidente me chamava a atenção “Está vendo, Presidente? Nem luva a gente tinha, naquele tempo” – e que vocês viraram empresas de verdade, eu acho que está na hora de a gente construir um marco regulatório de verdade para destravar, definitivamente, o nosso país.

Parabéns pelos 50 anos, e espero estar aqui na comemoração dos cem anos. Um abraço.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
